

A expedição

Hélio Moreira da Costa Júnior¹.

Fazer cinema é mostrar o lado bom da vida.
(Laurêncio Lopes – cineasta acreano)

Você sabia que já tivemos acreanos de cinema? No Acre, no início dos anos de 1970 um grupo de jovens produziram cinema na cidade de Rio Branco. Pode parecer banal saber disso hoje em dia quando o Acre encontra-se totalmente integrado ao resto do país, seja por terra, pelos rios ou pelo ar. Atualmente temos Internet, emissoras de rádio e televisão que transmite ao vivo 24 horas por dia. Contudo, nem sempre foi assim.

Na década de 1970 o Acre era um Estado isolado do restante do país. A única Rodovia que ligava os acreanos ao resto do país passava metade do ano intrafegável por conta dos rigores do clima amazônico.

O Estado do Acre, naquele ano, passaria a ser administrado pelo Governador Francisco Wanderley Dantas, nomeado em 1971 pelo Governo Federal e, ao tomar posse, resolveu afinar seus projetos e discursos às mesmas promessas do Regime Militar (COSTA JUNIOR, 2010, p. 37) com a seguinte máxima: “Acre, a nova Canaã. Um Nordeste sem seca, um sul sem geadas. Invista no Acre e exporte pelo Pacífico.” (SANTANA apud COSTA SOBRINHO, 1992, p. 144)

Rio Branco dos anos 70 poderia a princípio parecer uma cidade extremamente pacata; tinha, contudo, uma agitada vida cultural embalada pelos grupos de jovens que frequentavam as Comunidades Eclesiais da Igreja Católica ou, ainda, os bares da cidade, discutindo os temas que “fervilhavam” no momento. (COSTA JUNIOR, 2010, p. 42).

Havia um rico movimento cultural. Teatro, Festivais de Música, as notícias e radionovelas pelas ondas das Rádio Novo Andirá e a Difusora Acreana e os cinemas da cidade: cine Acre, cine Rio Branco e cine Teatro Recreio.

É neste cenário efervescente que, no dia 16 de março de 1973, no salão paroquial da antiga Igreja de São Sebastião às 16 horas de uma tarde chuvosa, uma reunião acontecia, quando nasceu oficialmente o Grupo ECAJA FILMES (Estúdio Cinematográfico Amador de Jovens Acreanos)². Seus fundadores são os então jovens

¹ É professor do quadro permanente da Universidade Federal do Acre (UFAC). Graduiu-se em História licenciatura em 1997 pela Universidade Federal do Acre. Em 2002 obteve o título de mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente é professor Classe Adjunto nível 2. É doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Silva (USP).

² Para maiores detalhes sobre a trajetória do ECAJA Filmes, consultar a obra Acre(anos) de cinema: uma história quadro-a-quadro. Hélio Costa Jr. Rio Branco: Edufac, 2010.

João Batista Marques de Assunção (Teixerinha do Acre), Antônio Dourado de Souza, Antônio Evangelista de Araújo (Tonivan), Adalberto Queiroz de Melo, Raimundo Ferreira de Souza e Ozenira Cabral de Brito.

Entre estes jovens pioneiros do cinema, destaco Laurêncio Lopes da Silva, integrante tardio do ECAJA Filmes. Laurêncio nasceu na cidade de Sena Madureira, município do Estado do Acre em 10 de agosto de 1958, contudo, passou parte de sua juventude no Pará, na cidade de Alenquer e outra parte em Manaus e retornou para Sena Madureira em meados da década de 1970, sempre morando com seus pais. Os motivos destas peregrinações eram as dificuldades financeiras e, no caso da mudança em definitivo para Rio Branco, a causa foi uma alagação. Uma ironia: em um Estado marcado pelo povoamento de nordestinos fugindo da seca, Laurêncio Lopes e sua família fogem das águas do Rio Iaco, chegando a capital com apenas treze anos idade.

Em Rio Branco, sem emprego Laurêncio resolve engraxar sapatos. Ficava na Praça e sempre que podia, via os cartazes do cine Rio Branco. Mesmo com alguma dificuldades de leitura anotava os nomes dos atores dos filmes exibidos nos cartazes, dos artistas, com a gente chamava na época, diz Laurêncio Lopes e destaca: eu virei um fanático do cinema, e sempre empolgado comentava com meus colegas: um dia eu vou ser ator! Um dia eu vou ser artista! Um dia eu vou me ver na tela! Os coleguinhas riam dessa pretensão, afinal, eu era apenas engraxate.

Certo dia passando em frente ao Palácio Rio Branco – Sede do Governo do Estado, isso já em 1974, onde estava sendo exibido em praça pública, o filme Rosinha, a rainha do Sertão, Laurêncio puxa sua caixa de engraxar sapatos, senta-se nela e começa a assistir a aquele filme. Ao terminar, ele olhava para tela e olhava para uns jovens que estavam ao lado e ficou intrigado:

Eu achava muito parecido com os rapazes que estavam no filme, olhava pro Tonivam, olhava pro Teixerinha, olhava pro Adalberto, mas não os conhecia na época. Fiquei olhando – rapaz, esses caras parecem com esses homens que está no filme (Lopes, 2000).

Laurêncio resolve então falar com aqueles rapazes e percebe que eram realmente os “homens da tela”. Além disso, ele também descobre que o filme que acabara de assistir tinha sido produzido no Acre. Sua reação foi imediata: eu estou realizado, eu vou fazer filme! Começou a partir daquele momento a participar das reuniões do Grupo Ecaja que ocorriam aos sábados no Colégio Acreano, na esperança de ser escolhido para atuar em um dos filmes, o que ocorreria em meados de 1977, com a aprovação do roteiro do filme Gatinhas e gatões, que não chegou a ser concluído, contudo, o debut de Laurêncio no cinema aconteceria.

Laurêncio produziu vários filmes e entre as suas obras, uma merece destaque: A expedição. Um filme que difere dos demais devido as suas características originais, a

começar pelo tempo de sua produção que é digno de nota: apenas quinze dias, entre roteiro, ensaios, gravação e edição. Tudo teria começado com o pedido de um amigo que desejava dar para sua filha, que fazia aniversário, um presente diferente: um filme. Laurêncio, que se encontrava deitado em sua rede ao ouvir a curiosa proposta do amigo não titubeou e imediatamente se dispôs a montar o roteiro. O argumento se baseava na história de uma expedição que visava caçar um monstro que vivia na mata apavorando e devorando as pessoas. O roteiro ficou pronto em três dias e logo começaram os ensaios que duraram apenas uma semana.

O principal desafio do filme seria fazer a maquiagem do ator que iria interpretar o monstro e na falta de material apropriado para fazer este make-up³, Laurêncio, que já tinha uma boa experiência na arte do improviso aprendido no Ecaja Filmes, não se intimidou diante do novo desafio:

Nós fomos nos salão de beleza de Rio Branco na época. O personagem, nós nem sabíamos o que que era. Vamos criar tipo, um Mapinguari, um macaco, um negócio que come todo o pessoal. Mais ou menos assim. Um Mapinguari. Só que nunca vi um Mapingauri em minha vida. [...] Vou fazer um Mapinguari, um negócio diferente aqui. Um bicho que tá lá no mato, escondido e vai atacar as pessoas. Então eu fiz um homem, cabeludo, os cabelos da cabeça longo, todo peludo. Eu encomendei alguns sacos de cabelos de salão. Todo salão que cortava cabelo eu pedia para guardar e guardamos vários sacos de cabelo. (LOPES, 2000)

Conseguir o material de maquiagem para o ator que interpretaria o monstro parecia ser uma solução engenhosa e razoavelmente simples de ser executada. Após peregrinar pela cidade, recolhendo os cabelos cortados nos salões, Laurêncio percebe o surgimento de outro problema: como fazer e o que usar para fixar os cabelos no corpo do ator que interpretaria o monstro? Nunca é demais lembrar que a tônica das produções cinematográficas acreanas eram muito similar ao discurso glauberiano: Câmera na mão, baixo custo de produção, para mostrar o verdadeiro gesto do homem. (ROCHA, 1963, 104), apesar de não ser o Cinema Novo a fonte de inspiração desses jovens cineastas. Novamente o improviso e a engenhosidade na solução desse novo desafio: usaram cola branca para fixar os cabelos conseguidos nos salões no corpo do ator.

Após já ter colado todos os cabelos no corpo do ator que interpretaria o monstro, surgiu a questão do transporte, já que as cenas deveriam ser, necessariamente gravadas em uma região de mata, para dar mais realismo as cenas. A saída encontrada foi a de transportar o ator no fusca de um dos amigos que sempre colaboravam nestas horas, contudo uma outra questão inesperada atrapalha os planos, como relembra Laurêncio Lopes (2000):

³ Palavra inglesa utilizada no cinema para designar maquiagem dos atores em cena. Geralmente feita por profissionais habilitados nesta área.

Mas como o dono do fusca não queria que entrasse o rapaz no fusca, pois ia infestar o fusca de cabelo, nós fizemos a maquiagem do cara, lá fora e colocamos na frente do carro, do fusca, ele com os pés no para-choque e saiu aquele monstro no meio da estrada. O fusca indo e aquele monstro feio na frente.

O resultado imediato desta solução encontrada pelo cineasta foi a algazarra e a festa que a criançada fazia por onde o carro passasse

E as crianças que estavam na beira da estrada, aos gritos, com medo. (LOPES, 2000).

Mas os problemas não findaram por aí, a solução da cola, que a princípio parecia perfeita, começava também a demonstrar que aquela não era a saída ideal:

E quando chegamos lá, nas primeiras cenas, a cola não deu certo, porque estava caído alguns cabelos, mas a gente ‘tava’ vendo. Pegamos outro monte de cabelos, pegamos uma cola mais rigorosa e tocamos no cara. Entupimos o cara de cabelo (LOPES, 2000).

A falta de recursos, aliada ao pouco conhecimento da arte de maquiagem para cinema e a opção por usar fardos de cabelos recolhidos dos salões da cidade, sem o devido tratamento, trouxe uma consequência imprevista para o ator que interpretava o monstro:

O cara criou uma curuba. O cara não conseguia tirar o cabelo. Foi muito feio. Deu curuba no cara todo. Essa cola fez mal pro cara. Também eu não conseguia tirar do corpo do cara (LOPES, 2000).

Curuba⁴ é um termo comumente utilizada na região acreana para designar coceira, irritação da pele produzida pelo aparecimento de calombos grossos, especialmente nas virilhas.

Mesmo quando não aparecia no plano, o monstro, a pedido do diretor, deveria ficar rondando o acampamento onde estavam os mocinhos do enredo. Essa instrução ocasiona outro incidente, como nos relata Laurêncio Lopes (2000):

Pois bem, as pessoas, lá pensando que o monstro era de verdade mesmo, correndo no meio do mato, chegou um cidadão querendo atirar no macaco [no ator], pensando que era um monstro, só que o cara já estava dentro do mato. E nós gritamos: ei, ei, ei! É um homem, é um homem, é uma filmagem!

⁴ Segundo o Dicionário Michaelis (1998, 628) Curuba seria o mesmo que Sarna, ou ainda o Bicho da sarna, ou ainda coceira, irritação da pele produzida pelo aparecimento de calombos grossos, especialmente nas virilhas.

Desfeita a confusão, Laurêncio retoma as filmagens e para dar ênfase ao suspense, o monstro não aparece nas cenas iniciais do filme, mas deveria deixar claro para o espectador que ele estava rondando o acampamento e poderia surgir a qualquer momento e, no intento de conseguir esse efeito, o diretor determina que, mesmo fora de cena, o monstro deveria continuar gritando e rugindo. Porém, relembra Laurêncio Lopes o ator que interpretava o monstro se empolgou mais que o necessário ao gritar e rugir, o resultado foi desastroso:

Então, o cara talvez sem experiência, o cara gritava direto: ahhh!
ahhh! O cara nos gritos, ele perdeu a voz. Ele passou um mês sem voz, não falava nada! (LOPES, 2000)

Além de ficar afônico durante um mês e com o corpo coberto de feridas devido a alergia da cola e dos cabelos em seu corpo o ator que interpretou o monstro teve febre alta como consequência de uma tremenda insolação.

Mesmo com todos esses contratempos o filme foi concluído e foi apresentado na filмотeca, e segundo o próprio Laurêncio Lopes “foi uma grande audiência” no Festival Regional de vídeo e na televisão, onde também foram exibidos os filmes Marcas e Rosinha, a rainha do sertão.

Bibliografia:

Ata de reunião de fundação do GRUPO ECAJA FILMES, 16 de março de 1973.

[Entrevista] LOPES, Laurêncio. Servidor Público, ainda atua no cinema. Produziu vários trabalhos em VHS e atualmente utiliza os formatos digitais. É mais conhecido pelo seu pseudônimo Lapys. A entrevista foi cedida na filмотeca acreana ao autor. Rio Branco -Acre, 14 de janeiro de 2000.

COSTA JÚNIOR, Hélio Moreira da Costa, **Acre(anos) de cinema:** uma história quadro-a-quadro de jovens cineastas do ECAJA Filmes, (1972 -1982). Rio Branco, Ac: Edufac 2010.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia melhoramentos, 1998 (Dicionário Michaelis), p. 628.

ROCHA, Glauber, **Revisão Crítica do Cinema Brasileiro**, Editora Civilização Brasileira, RJ, 1963.